

## O ESTATUTO FONOLÓGICO DAS CONSOANTES NASAIS DO PORTUGUÊS ARCAICO

Débora Aparecida dos Reis Justo Barreto\*  
Gladis Massini-Cagliari\*\*

- **RESUMO:** O objetivo deste trabalho consiste em estudar os fenômenos fonológicos do ancestral medieval do português, analisando, de maneira específica, as consoantes nasais em 250 cantigas medievais galego-portuguesas. A metodologia adotada se baseia na observação da possibilidade (ou não) de variação na representação escrita desses elementos da etapa arcaica, assim como na posição preenchida pelas consoantes nasais na sílaba e na palavra, a fim de verificar os seguintes pontos: 1) o estatuto das nasais em ambiente de ataque e coda da sílaba; 2) a nasalização de vogais/ditongos. Todos os casos coletados serão analisados à luz das teorias fonológicas não-lineares. As ocorrências encontradas mostram que, em posição de coda, a alternância entre as representações gráficas <m>, <n> e til não representa uma alteração no significado da palavra, isto é, no nível fonológico, há neutralização da oposição entre os sons representados por <m>, <n> e til. Já em ataque de sílaba, a oposição se mantém.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Consoantes nasais; Estatuto fonológico; Português arcaico; Cantigas medievais galego-portuguesas.

### Introdução e objetivo

Este estudo visa elaborar uma análise fonológica das consoantes representadas na escrita como <n> e <m> (e abreviadas com o uso do til) da etapa arcaica do português (ou seja, no ancestral medieval do português), visando verificar o comportamento fonológico desses segmentos em dois contextos da sílaba: ataque e coda. Para tanto, foram selecionadas 250 cantigas galego-portuguesas: as 100 primeiras *Cantigas de Santa Maria* (CSM), de D. Afonso X, pertencentes à vertente religiosa, e 150 poesias da lírica profana, 50 de cada um dos gêneros canônicos (*amor*, *amigo* e *escárnio e maldizer*).

---

\* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil. Pós-doutoranda. debi\_barreto@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3788-7429>

\*\* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil. Professora Titular. gladis.massini-cagliari@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4050-7645>

Os critérios de seleção das 150 cantigas profanas foram três e se baseiam no trabalho de Massini-Cagliari (2015): 1) representatividade, elegendo textos de autores de épocas diferentes; 2) ambiente, porque poetas galegos, portugueses e castelhanos interagiam no interior do mesmo espaço geográfico; 3) posição social, tendo em vista que existiam trovadores pertencentes à alta sociedade (como reis, nobres e clérigos) e à baixa (jograis).

É importante pontuar que este artigo visa a realização de uma análise sincrônica, que se volta ao estudo do comportamento fonológico das nasais representadas na grafia por <n> e <m> do português arcaico (de agora em diante, PA). Assim, embora compreenda um estudo histórico, pois, para elaborar uma descrição desses elementos, é preciso analisar o passado latino da língua e o seu estágio atual (português de hoje, PB); o nosso objetivo não consiste na realização de um estudo de natureza diacrônica, mas na caracterização sincrônica de uma fase do passado (Mattos e Silva, 1989).

Castro (1991) argumenta que um estudo do passado de uma língua se baseia em métodos de reconstrução, posto que nós, linguistas, não podemos contar com a vivência e a análise direta da língua. Tais métodos consistem na comparação entre as variedades atuais da língua e a língua focalizada pelo estudo e na exploração das fontes escritas da etapa histórica estudada. Mattos e Silva (2006) pontua que, na Idade Média, a língua ainda não contava com uma ortografia padrão estabelecida por lei, o que fazia com que a representação gráfica daquele período apresentasse muita variação. Huber (1986 [1933]) discute que, apesar da multiplicidade gráfica que caracterizava o português medieval, a língua era uniforme no conjunto.

Segundo Mattos e Silva (2006), a inconstância da representação escrita da língua arcaica fez com que seus documentos se assemelhassem mais à variedade oral, quando comparada com as composições elaboradas em um período posterior ao estabelecimento de uma ortografia padrão. Como a variação dominava as obras daquela época, os segmentos nasais eram representados de formas diversas. Dessa forma, eram comuns casos de alternância entre:

- *m e n (tempo/tenpo; com/con);*
- presença e ausência de til (*angeo/angêo; boas/boas*);
- presença e ausência de nasais (*iferno/inferno; tantos/tatos*);
- elemento nasal e til (*enquanto/enquãto; comunal/comũal*).

Esses casos, bem como outras ocorrências encontradas no *corpus*, serão objeto de estudo deste trabalho, a fim de verificarmos como os segmentos nasais, representados na grafia como <m> e <n>, se comportavam na época arcaica da língua. Há, na literatura, muitas questões sem conclusão com relação às consoantes nasais em posição de ataque e coda silábica, inclusive na etapa focalizada nesta pesquisa. Uma dessas questões diz respeito à alternância, nos registros gráficos do período, entre <n> e o sinal gráfico <~>, como exemplificamos acima. Seria o til a abreviatura, na representação gráfica, do elemento nasal *n* ou tal sinal já simboliza a nasalização da vogal/ditongo anterior?

Logo, este artigo se dedica a esclarecer importantes indagações a respeito dos segmentos nasais, além de contribuir para a compreensão do seu estatuto fonológico no português medieval quando se localizam em contexto de ataque e de coda de sílaba, temática desafiadora por abarcar a nasalização de vogais e ditongos da fase arcaica da língua portuguesa.

### **Corpus poético: as cantigas medievais galego-portuguesas**

Conforme revelamos anteriormente, selecionamos, para a realização do estudo, cantigas pertencentes às duas vertentes da lírica trovadoresca. Massini-Cagliari (2015, p. 22-23) pondera que, ainda que nas duas dimensões das poesias medievais a linguagem adotada seja considerada palaciana, correspondendo a uma modalidade do idioma falado na corte e restrito aos usos dessa camada da sociedade feudal, há uma significativa distância geográfica e de função entre as duas vertentes da poesia trovadoresca.

As poesias profanas, provenientes de Portugal e Galiza, adotam de forma artística o falar nativo da população. Nas poesias religiosas, o idioma utilizado é o galego-português, língua de cultura em um reino estrangeiro e idioma de uso em Galiza, uma região mais distante de Castela, que, por ordem de D. Afonso X, rei de Leão e Castela, é usado para enaltecer de forma grandiosa a Virgem Maria. A opção pela língua arcaica se deu em virtude da crença de que essa língua era mais apropriada para finalidades literárias (Massini-Cagliari, 2015).

As *Cantigas de Santa Maria* (CSM) foram realizadas na segunda metade do século XIII, momento da história marcado por narrativas de milagres e prodígios dos santos. Esse período é conhecido por sua grande religiosidade, conforme Fidalgo (2002), haja vista a crença, enraizada fortemente na mentalidade da população feudal, na vitalidade de Deus em um momento em que as heresias faziam parte da estrutura da Igreja.

A coleção religiosa apresenta 427 cantigas em louvor da mãe de Deus e tem a sua autoria atribuída ao monarca Dom Afonso X<sup>1</sup> (Mettmann, 1986). Mettmann (1986) esclarece que 7 das 427 CSM são textos repetidos. Com exceção da introdução e dos dois prólogos, há: 356 cantigas de milagre (conhecidas por narrarem as intervenções milagrosas da Virgem em distintos lugares e em benefício de diversos fiéis) e as poesias restantes são de louvor (mais pessoais e subjetivas, englobando obras nas quais o rei D. Afonso X louva as virtudes e a beleza da Virgem) ou relatam festas cristãs (Mongelli, 2009).

Segundo Parkinson (1989), o conjunto da lírica religiosa se situa em quatro cancioneiros trovadorescos:

---

<sup>1</sup> Leão (2007) menciona que o próprio rei escreveu e traduziu grande parte das cantigas. No entanto, outras somente supervisionou, confiando a execução aos seus colaboradores. Parkinson (1998) pontua que os colaboradores de D. Afonso X só poderiam ter sido os trovadores conhecidos da época medieval, mas ainda não se sabe, ao certo, quais deles, entre tantos, fizeram parte dessa equipe.

- Toledo (To): é o cancionero mais antigo, além de ser também o menor deles (100 obras).
- Rico (T): surge pelo desejo do monarca D. Afonso X de ampliar o códice inicial (To). É visto como o códice mais rico em conteúdo artístico.
- Escorial Músicos (E): é tido como uma cópia menos decorada do códice T, sendo o mais completo dos quatro cancioneros.
- Florença (F): define-se por ser bastante incompleto e a sua ordem é imprecisa, formando com T o que ficou conhecido como Códices das Histórias.

Com relação à vertente profana, Massini-Cagliari (2007) afirma que o conjunto de obras profanas é formado por mais de 1.700 poesias, cuja autoria é atribuída a cerca de 160 trovadores. Os cantares foram redigidos em três gêneros diferentes e singulares: *cantigas de amor*, *de amigo* e *de escárnio e maldizer*.

Em linhas gerais, as obras *de amor* se caracterizam por serem cantares em que o trovador se dirige diretamente à amada, revelando sua submissão absoluta a ela. Nesses textos, o eu-lírico não se dirige a uma mulher real, mas a uma idealização da dama (Lanciani, 1993). Já as *cantigas de amigo*, para Bueno (1968), opõem-se às *de amor*, visto que a figura feminina, agora, toma a iniciativa, deixando de ser um objeto de veneração longínqua. Tais cantigas aparecem sob a voz de uma mulher, embora tenham sido realizadas por homens. Massini-Cagliari (2007) argumenta que, se comparadas às *de amor*, as *de amigo* são mais populares e nacionais. Por fim, as *cantigas de escárnio e maldizer* englobam: sátiras morais, políticas e literárias, tenções, paródias, prantos e maledicências pessoais. Mongelli (2009) pontua que tais poesias pretendiam mais divertir seu público do que denunciar as mazelas sociais, contudo, a autora discute que o cômico tem sempre um propósito reformador, pois incide sobre o que parece errado na sociedade.

Massini-Cagliari (2007) explica que muito pouco da produção profana do PA sobreviveu até hoje, restando apenas três cancioneros com compilações gerais, e cinco folhas avulsas (com uma ou mais obras). Acerca desses códices, Massini-Cagliari (2007) expõe:

- Cancioneiro da Ajuda (A ou CA): é o códice mais contemporâneo aos trovadores e conta apenas com cantares *de amor*. Reúne 310 obras, feitas por 38 escritores, além de não ter a notação musical de nenhuma delas.
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (B, CB ou CBN): particulariza-se por ser o códice mais completo dos três, abrigando cerca de 1.560 poesias, pertencentes aos três gêneros canônicos, de autoria de mais de 150 trovadores.
- Cancioneiro da Vaticana (V ou CV): é uma cópia do CBN e conta com 1.200 textos. Há, no início, uma grande lacuna que o priva de 390 cantares presentes no CBN.

## Método de análise

O método de estudo adotado neste artigo se baseia na análise das representações gráficas das palavras com segmentos nasais <m> e <n> coletadas nas obras que constituem nosso *corpus* e na análise do contexto em que essas consoantes estão dentro da sílaba e da palavra, para, dessa maneira, verificarmos o comportamento desses segmentos na unidade silábica. Em um primeiro momento, fez-se a coleta de todas as palavras grafadas com <m> e <n> nas obras poéticas. Essa primeira coleta foi realizada empregando edições críticas<sup>2</sup> das composições, a fim de facilitar o entendimento de todos os vocábulos e a organização dos dados coletados.

Em um segundo momento, depois de feita a coleta de todos os casos de palavras grafadas com nasais <m> e <n> nas 250 cantigas medievais, realizou-se a conferência de todos os termos coletados nas edições fac-similadas. Essa etapa é uma das mais relevantes, pois, ao verificarmos os dados nos fac-símiles medievais, temos acesso à reprodução fotográfica dos documentos em tamanho real. Os fac-símiles, assim, oferecem ao pesquisador da língua arcaica a escrita que de fato aconteceu, o que realmente foi registrado pelos copistas do período.

Consideramos, nesta análise, que o uso da edição fac-similada, ou seja, da fonte primária é de vital relevância para a pesquisa que envolve a estrutura silábica, uma vez que, como explica Massini-Cagliari (2015), traços decisivos da versão original, como as variações gráficas, podem ser apagados de uma versão atualizada após a aplicação de acordos ortográficos mais modernos. O uso do fac-símile, que consiste na reprodução fotográfica dos poemas de outrora, em tamanho real, é a melhor alternativa para o estudo que ora elaboramos. Portanto, partimos da opinião que considera a edição fac-similada como imprescindível, pois a sua finalidade não é a de interpretar a composição, mas de retratá-la na íntegra.

Após fazer o mapeamento das 250 poesias arcaicas, os dados coletados foram analisados qualitativamente com base nas teorias fonológicas não-lineares. Os dados de variação na escrita, as rimas das poesias e o contexto na sílaba e na palavra em que a nasal se encontra trazem pistas da realização fonética e da função fonológica das nasais da língua dos trovadores. Logo, para a determinação do comportamento fonológico das nasais daquela etapa da história, faz-se de vital importância a análise não apenas do ambiente de ocorrência desses elementos, mas também dos dados de variação gráfica encontrados e das rimas das cantigas.

## Fundamentação teórica: a unidade silábica

Segundo Camara Jr. (1985 [1970]), a sílaba é uma unidade difícil de delimitar e de definir adequadamente. O autor segue um olhar estruturalista, visto que assume que os

---

<sup>2</sup> Para as CSM, usamos Mettmann (1986) e, para as obras profanas, adotamos Lopes e Ferreira *et al.* (2011-).

segmentos estão organizados de forma linear na estrutura silábica de todas as línguas. Do ponto de vista fonético, Camara Jr. (1985 [1970]) argumenta que a sílaba consiste em uma fase de ascensão, que culmina em um ápice (núcleo), e segue por uma etapa decrescente. O acento pode ser preenchido por um ou dois segmentos consonantais; o ápice comporta apenas vogais no português; e o declive pode ser constituído por /S/, /L/, /R/, /N/, /y/ ou /w/.

Mori (2001) menciona que a sílaba é o coração das representações fonológicas, sendo a unidade básica responsável por nos informar sobre como está estruturado um determinado falar. Nespor e Vogel (1986) consideram a sílaba como uma unidade basilar que está na Fonologia de todas as línguas como domínio de regras fonológicas. Silva (1999) esclarece que as vogais e as consoantes são distribuídas nas sílabas das línguas, estabelecendo quais palavras são tidas como bem-formadas. Dessa maneira, a sequência desses elementos determina as estruturas aceitas ou não dentro dos falares.

Na Fonologia Métrica, os segmentos consonantais e vocálicos que compõem a sílaba se encontram estruturados em uma hierarquia. Dessa maneira, uma sílaba é formada por um ataque (A) ou *onset* (O), e por uma rima (R); uma rima é composta por um núcleo (Nu) e por uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto a posição de núcleo, pode ser vazia. Tal proposta se ancora na análise de Selkirk (1982) e prevê uma relação mais estreita entre a vogal do núcleo e a consoante da coda do que entre tal vogal e a consoante que está no ataque. Dessa forma, essa representação garante uma maior interrelação entre os segmentos que ocupam a rima.

Selkirk (1982) define a sílaba como uma unidade hierarquizada cuja estrutura é atribuída por princípios gerais dentro do nível prosódico. A estrutura postulada pela pesquisadora permite a aplicação de regras fonológicas em constituintes específicos da sílaba, sem que seja necessário abranger a sílaba inteira. A junção do núcleo e da coda, formando a rima, é tida como um aspecto universal por Selkirk (1982), englobando a composição de todas as línguas, independentemente do molde silábico de cada língua. Dessa maneira, as regras de composição da sílaba são princípios expressáveis por uma árvore de ramificação binária, em que só a rima é considerada obrigatória. Silva (1999) discute que, caso uma sílaba apresente apenas uma vogal, esse elemento preencherá todas as partes da estrutura silábica, pois uma sílaba pode ser composta só por uma vogal, o que pode ser apurado na sílaba inicial da palavra *ética*. Assim sendo, as outras partes que constituem uma sílaba são opcionais. O ataque é preenchido por uma ou mais consoantes, podendo aparecer no início ou no meio da palavra. Já a coda pode aparecer no meio ou no final da palavra.

Em relação ao contexto de ataque da sílaba do português arcaico, Biagioni (2002) pontua que esse ambiente pode ser ocupado por um segmento simples, formado por um único elemento, ou complexo, com dois elementos subsequentes. Sílabas com ataques complexos são compostas somente por sequências de oclusivas e fricativas labiodentais + tepe ou lateral. Assim sendo, apenas /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/ e /v/ aparecem no primeiro contexto do ataque da língua arcaica; na segunda posição, só consoantes líquidas laterais /l/ e róticas /r/ são permitidas.

Massini-Cagliari (2015, p. 88) pondera que, embora haja o predomínio de sílabas abertas no PA (CV ou V), o travamento silábico é permitido. A posição de coda, todavia, é muito restrita, pois somente os elementos /r/, /l/, /S/ e /N/ podem aparecer. Ademais, a coda nunca é ramificada, visto que evidências aludem à existência de uma forte proibição em relação à formação de codas complexas na língua dos trovadores.

### Levantamento e análise dos dados

Abaixo, apresentamos nas tabelas 1 a 4, respectivamente, a quantificação de ocorrências de nasais nas cantigas profanas e religiosas de acordo com o contexto ocupado por *m* e *n* no interior da sílaba e da palavra.

**Tabela 1** – Mapeamento de <m> quanto à posição em que se localiza na sílaba e na palavra nas cantigas profanas

<m>	Começo da palavra	Meio da palavra	Final da palavra	Subtotal
Ataque da sílaba	2.417	798	--- <sup>3</sup>	3.215
Coda da sílaba	---	97	2.677	2.774
Subtotal	2.417	895	2.677	<b>5.989</b>

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 2** – Mapeamento de <n> quanto à posição em que se localiza na sílaba e na palavra nas cantigas profanas

<n>	Começo da palavra	Meio da palavra	Final da palavra	Subtotal
Ataque da sílaba	1.164	210	---	1.374
Coda da sílaba	---	1.199	10	1.209
Subtotal	1.164	1.409	10	<b>2.583</b>

Fonte: Elaboração própria

<sup>3</sup> O sinal ---, presente nas tabelas 1 a 6, representa a impossibilidade de ocorrência de dados nos referidos contextos. Por exemplo: o ataque consiste no contexto inicial da sílaba, antes do núcleo (formado, em PA e em PB, por vogal), portanto, não existem ataques em final de palavra (posição ocupada pelos elementos que compõem a coda).

**Tabela 3** – Mapeamento de <m> quanto à posição em que se localiza na sílaba e na palavra nas CSM

<m>	Começo da palavra	Meio da palavra	Final da palavra	Subtotal
<b>Ataque da sílaba</b>	4.089	2.174	---	6.263
<b>Coda da sílaba</b>	---	269	4	273
<b>Subtotal</b>	4.089	2.443	4	<b>6.536</b>

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 4** – Mapeamento de <n> quanto à posição em que se localiza na sílaba e na palavra nas CSM

<n>	Começo da palavra	Meio da palavra	Final da palavra	Subtotal
<b>Ataque da sílaba</b>	1.674	688	---	2.362
<b>Coda da sílaba</b>	---	4.328	5.399	9.727
<b>Subtotal</b>	1.674	5.016	5.399	<b>12.089</b>

Fonte: Elaboração própria

Pensando na visualização completa dos dados, apresentamos, agora, nas tabelas 5 e 6, todas as ocorrências de *m* e *n* nas 250 cantigas que foram nosso *corpus*. Logo, a tabela 5 representa a soma das tabelas 1 e 3 (dados referentes à consoante *m*) e a tabela 6 consiste na soma das tabelas 2 e 4 (dados referentes à consoante *n*).

**Tabela 5** – Mapeamento de <m> quanto à posição em que se localiza na sílaba e na palavra nas cantigas religiosas e profanas

<m>	Começo da palavra	Meio da palavra	Final da palavra	Subtotal
<b>Ataque da sílaba</b>	6.506	2.972	---	9.478
<b>Coda da sílaba</b>	---	366	2.681	3.047
<b>Subtotal</b>	6.506	3.338	2.681	<b>12.525</b>

Fonte: Elaboração própria



**Tabela 6** – Mapeamento de <n> quanto à posição em que se localiza na sílaba e na palavra nas cantigas religiosas e profanas

<n>	Começo da palavra	Meio da palavra	Final da palavra	Subtotal
<b>Ataque da sílaba</b>	2.838	898	---	3.736
<b>Coda da sílaba</b>	---	5.527	5.409	10.936
<b>Subtotal</b>	2.838	6.425	5.409	<b>14.672</b>

Fonte: Elaboração própria

Por meio das tabelas, percebe-se que, na fase arcaica, a consoante nasal *n* era muito mais empregada na coda silábica, tanto na coda interna de palavra como na coda em posição final de palavra. Enquanto *m* apareceu 366 vezes em coda interna e 2.681 vezes em final de palavra, nas cantigas religiosas e profanas, *n* apareceu 5.527 vezes em coda de meio da palavra e 5.409 vezes em coda de final de vocábulo.

Outra questão interessante com relação ao contexto de coda se refere à pouca quantidade de casos de palavras terminadas com *m* nas CSM (apenas 4 ocorrências). Nas cantigas profanas, contudo, esse elemento consonantal apareceu em maior número nessa posição da palavra: foram 2.677 ocorrências de *m* em final de vocábulo. Os poemas da vertente profana não são tão antigos como as CSM, logo, apresentam, por vezes, formas gráficas mais modernas, como a preferência do português em finalizar as palavras com *m*, e não com *n*.

Conforme descrevemos na metodologia deste trabalho, todos os dados foram verificados nas edições fac-similadas das obras religiosas e profanas que compõem o *corpus*. Nessa análise, foram encontrados distintos dados de variações na grafia, características de uma escrita marcada pela ausência de uma norma ortográfica instituída por lei. A seguir, listamos os tipos de variação envolvendo as consoantes nasais *m* e *n* localizados nos textos analisados:

1. Alternância entre *m* e *n* (*quem/quen; sempre/senpre; onbros/ombros; con/com*).
2. Variação de nasal com til (*non/nõ; cantares/cãtares; nembrar/nẽbrar; comunal/comũal*).

A variação 1 se mostrou muito expressiva, principalmente nos cancioneiros profanos. A alternância entre *m* e *n*, e vice-versa, apareceu 1.392 vezes nos textos da linha profana do *corpus* e 158 vezes nas CSM. No apêndice, nos quadros 1 e 2, listamos os casos da variação 1.

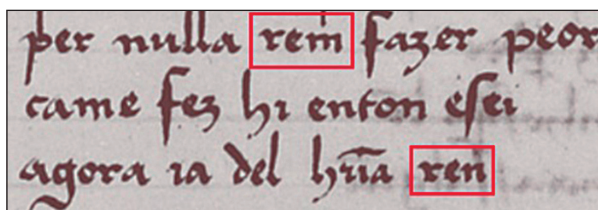
Como mostramos nos quadros 1 e 2, a variação 1 atinge, predominantemente, o contexto de coda da sílaba, seja coda interna ou final. De todos os casos de variação

localizados nas obras religiosas e profanas, apenas uma ocorrência apareceu em ataque silábico: *quenas/quemas*. Esse dado pertence à CSM 76 e não representa uma mudança no significado da palavra, que, segundo Mettmann (1972, p. 255), significa a junção de *quen* + artigo definido ou pronome pessoal *o/a*.<sup>4</sup> A ausência de uma mudança de significado pode ser constatada pelo fato de tal palavra aparecer, nessa poesia, no primeiro verso do refrão, verso que é constantemente repetido ao longo da obra ao final de cada estrofe. Assim sendo, as grafias *quenas* e *quemas* são alternadas na cantiga sem que haja qualquer mudança na significação do verso. Portanto, não há oposição fonológica entre *n/m* nesse dado, pois se trata apenas de um caso de variação gráfica.

Além disso, sendo *quenas/quemas* a junção de *quen* + artigo ou pronome pessoal *o/a*, o fato de a palavra estar grafada junto é somente uma coincidência ou resultado da intenção de o trovador marcar a subordinação prosódica do pronome *o/a* ao pronome *quem*. Sendo assim, não se trata de uma única palavra, mas de duas, grafadas juntas, sendo que a consoante nasal, então, localiza-se, com certeza, na posição de coda.

As demais ocorrências listadas nos quadros 1 e 2 consistem em dados em que o elemento nasal se encontra em ambiente de coda. Como se vê, a variação entre *m/n* atingia, nos textos do PA, codas internas (*sempre* > *senpre* e *senpre* > *sempre*) e finais (*em* > *en* e *en* > *em*). As palavras podiam aparecer escritas de forma distinta tanto dentro da mesma obra no mesmo códice, como, também, aparecer grafadas de modos diferentes na mesma cantiga, mas em códices distintos. A seguir, apresentaremos exemplos dos dois casos. Na figura 1, o termo *ren*<sup>5</sup> aparece grafado com *n* e com *m* dentro da mesma estrofe da cantiga. Já nas figuras 2, 3, 4 e 5, a variação entre *n* e *m* aparece dentro do mesmo verso, mas em cancioneiros diferentes.

**Figura 1** – *Rem/rem* (cantiga de amor, de João Soares de Somesso, *Já foi sazom que eu cuidei*)<sup>6</sup>



**Fonte:** Edição fac-similada do códice da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p. 121)

<sup>4</sup> Mettmann (1972), originalmente, afirma que *quenas/quemas* seria a união de *quen* + artigo definido ou pronome pessoal “lo/la”, todavia, o autor escreve em espanhol. Por isso, neste artigo, adotamos o pronome correspondente em português “o/a”.

<sup>5</sup> Segundo Mettmann (1972, p. 263), *ren* é um pronome indefinido que pode significar, nas poesias, *coisa, nada, a despeito disso, tudo, alguma coisa, qualquer coisa, de qualquer maneira* etc.

<sup>6</sup> Transcrição dos versos, segundo Lopes e Ferreira *et al.* (2011-): *per nulha rem fazer peor / ca me fazi'entom, e sei / agora já del hũa ren*.

**Figura 2** – *Sempre* (cantiga de escárnio e maldizer, de Estêvão da Guarda, *Vós, Dom Josep, venho eu preguntar*)<sup>7</sup>



**Fonte:** Edição fac-similada do códice da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p. 1315)

**Figura 3** – *Senpre* (cantiga de escárnio e maldizer, de Estêvão da Guarda, *Vós, Dom Josep, venho eu preguntar*)



**Fonte:** Edição fac-similada do Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (1973, p. 920)

**Figura 4** – *Gram* (cantiga de amor, de João Soares Somesso, *Muitas vezes em meu cuidar*)<sup>8</sup>



**Fonte:** Edição fac-similada do códice da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p. 109)

**Figura 5** – *Gran* (cantiga de amor, de João Soares Somesso, *Muitas vezes em meu cuidar*)



**Fonte:** Edição fac-similada do códice da Biblioteca da Ajuda (1994, p. 16)

Como se vê, a variação gráfica entre as consoantes nasais <m> e <n> na posição de coda silábica era bastante recorrente nos cancioneiros medievais. Foram encontrados casos desse tipo de variação em todos os códices averiguados por nós e, como demonstrado, a variação acontecia inclusive no interior da mesma estrofe. Como os códices aos quais temos acesso atualmente são cópias primeiras ou cópias de cópias (Massini-Cagliari, 2007), muito possivelmente, os copistas medievais, no momento em que copiavam uma cantiga de um manuscrito para outro, faziam as modificações que julgavam coerentes, tendo em vista seus conhecimentos sobre o idioma e suas reflexões linguísticas.

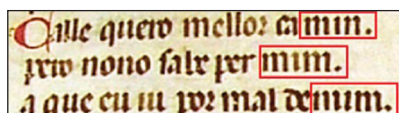
<sup>7</sup> Transcrição do verso, segundo Lopes e Ferreira *et al.* (2011-): *s'escusa sempre de vosco reitar?*

<sup>8</sup> Transcrição do verso, segundo Lopes e Ferreira *et al.* (2011-): *hei eu gram bem de mia senhor.*

Devido à frequência desse tipo de variação, que apareceu em diferentes contextos dentro das cantigas analisadas, é possível defender que, no estágio arcaico, as nasais *m* e *n* não se opunham fonologicamente em posição de coda silábica, à semelhança do que se tem hoje em dia na língua portuguesa (conforme Camara Jr. (1985 [1970]), ocorre neutralização, ou seja, desaparecimento da oposição existente em *onset*, entre [n] e [m] na posição de coda no Português Brasileiro, representada pelo arquifonema /N/). Essa constatação é reforçada quando observamos as rimas nas cantigas medievais, porque os copistas não rimavam, necessariamente, palavras terminadas com *m* com palavras terminadas com *m* e palavras terminadas com *n* apenas com palavras terminadas com *n*. É claro que certas poesias apresentam essa configuração: rimas compostas somente com *m* ou *n* em coda, no entanto, essa configuração não é uma regra fechada nos cantares, que apresentam muita heterogeneidade.

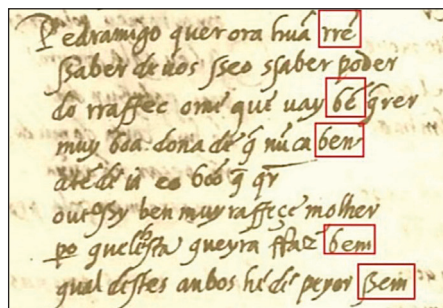
Em seguida, apresentamos exemplos de versos em que as rimas ocorrem em decorrência da terminação nasal das palavras. É interessante observar que a variação 1 não é a única presente nesses versos. Certos cantares apresentam, também, rimas abarcando a variação 2 (mudança de segmento nasal por til), assunto que será trabalhado mais adiante.

**Figura 6** – *Min/mim* (cantiga de amor, de Pero Garcia Burgalês, *Ai eu coitad'! e por que vi*)<sup>9</sup>



Fonte: Edição fac-similada do códice da Biblioteca da Ajuda (1994, p. 87)

**Figura 7** – Variações gráficas nas rimas (cantiga de escárnio e maldizer, de João Baveca, *Pedr'Amigo, quer'ora ãa rem*)



Fonte: Edição fac-similada do Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (1973, p. 826)

<sup>9</sup> Transcrição dos versos, segundo Lopes e Ferreira et al. (2011-): *Ca lle quero melhor ca mim, / pero non'o sabe per mim / a que eu vi por mal de mim.*

Como podemos observar nas figuras 6 e 7, uma mesma palavra poderia ser representada, na escrita, de várias maneiras diferentes. Na figura 7, por exemplo, o termo *bem* aparece grafado de três formas: *bẽ*, *ben* e *bem*. Já na figura 6, a palavra *mim* aparece três vezes em final de verso: uma vez escrita com *n* e duas vezes grafada com *m*. Retratamos, a seguir, a transcrição de Lopes e Ferreira *et al.* (2011-) da figura 7, a fim de analisarmos as rimas do trecho.

(1)

*Pedr'Amigo, quer'ora ãa **rem** A*  
*saber de vós, se o saber **puder**: B*  
*do rafeç'home que vai bem **querer** B*  
*mui boa dona, de quem nunca **bem** A*  
*atende já, e [d]o bõo, que **quer** B*  
*outrossi bem mui rafece **molher** B*  
*pero que lh'esta queira fazer **bem**, A*  
*qual destes ambos é de **peior sem**? A*

A estrofe apresentada em (1) é a estrofe inicial da cantiga *de escárnio e maldizer* de João Baveca. O esquema de rimas retratado por nós se repete na segunda estrofe do cantar, que possui seis estrofes com oito versos cada e duas estrofes finais com quatro versos. O poema conta com rimas em todas as estrofes: a primeira e a segunda estrofes apresentam o esquema ABBABBA (como mostramos anteriormente); a terceira e a quarta estrofes, CDDCEECC; a quinta e a sexta, FGGFHHFF; e as últimas duas, com quatro versos cada, seguem o esquema HHFF.

Percebe-se, pois, uma preocupação do trovador com as rimas da cantiga, que se repetem, categoricamente, em duas estrofes seguidas. Ao analisarmos a figura 7, vemos que a terminação das palavras não segue um padrão, mas a rima se mantém intacta. Portanto, as palavras *rrẽ*, *ben*, *bem* e *ssem* rimam entre si, independentemente de estarem grafadas com *m*, *n* ou *til*.

Foram localizados muitos dados nos quais, em contextos de rima, as palavras com nasais apresentaram ora *m*, ora *n* (além da mudança de segmento nasal por *til*), fato que reforça a nossa interpretação de neutralização da oposição entre *m* e *n* em coda de sílaba no português medieval, tal como se observa na fonologia do português atual. No entanto, é importante comentar que a oposição fonológica entre as consoantes nasais *m* e *n* se conserva, naquela época, no contexto de ataque silábico. Por meio dos dados, é possível considerar que os copistas tinham plena consciência da diferenciação entre essas consoantes no início da sílaba, pois, com exceção da variação *quenas/quemas*, nenhum outro dado de troca foi encontrado. Em ataque silábico, seja interno ou no início da palavra, os copistas sempre elegiam o mesmo segmento nasal. Por exemplo: a palavra *non*, muitas vezes, aparecia grafada como *nõ*, mas nunca como *\*mon*.

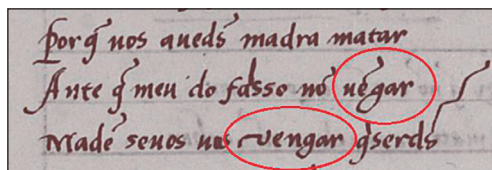
O outro tipo de variação encontrado foi a variação 2, que consiste na alternância entre a consoante nasal *m* ou *n* e um *til* sobre a vogal antecedente. Assim, não há o

registro na escrita do segmento nasal, mas a marca de nasalidade se mantém na forma de um sinal gráfico sobre a vogal que antecede a nasal “desaparecida”. Esse tipo de variação foi extremamente recorrente no material, a saber: 4.266 ocorrências nas CSM e 1.749 nas cantigas profanas. No quadro 3, no Apêndice, listamos os dados da variação 2.

Como ilustrado no quadro 3, a variação 2, além de muito recorrente em todos os códices, das vertentes religiosa e profana da lírica arcaica, apresenta uma grande diversidade de posições de ocorrência dentro da palavra. Assim, uma mesma palavra pode aparecer grafada de diferentes formas nos cancioneiros medievais, ainda mais se ela tiver mais de uma consoante nasal em ambiente de coda. Não havia, pois, uma regra ou um contexto específico de ocorrência desse tipo de variação nos textos analisados. A representação gráfica das nasais *m* e *n* por meio de um til sobre a vogal anterior, como explicado anteriormente, variava, inclusive, com formas escritas com *m* e *n* nos contextos de rima dos versos.

A variação 2 apareceu, nos fac-símiles investigados, dentro da mesma cantiga no mesmo cancioneiro e dentro do mesmo poema em códices diferentes. A seguir, apresentam-se exemplos de cada ocorrência retirados dos cantares que compõem nosso *corpus*:

**Figura 8** – *Vêgar/Vengar* (cantiga de amigo, de Estêvão Fernandes d’Elvas, *Farei eu, filha, que vos nom veja*)<sup>10</sup>



**Fonte:** Edição fac-similada do códice da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p. 1092)

**Figura 9** – *Pregûtando* (CSM 6 no To)



**Fonte:** Edição fac-similada do códice Toledo (2003, p. 14r)

**Figura 10** – *Pguntãdo* (CSM 6 no T)



**Fonte:** Microfilme do códice Escorial Rico, cedido pela Biblioteca do Mosteiro de El Escorial. O microfilme em questão pertence ao arquivo do grupo de pesquisa “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro”

<sup>10</sup> Transcrição dos versos, segundo Lopes e Ferreira *et al.* (2011-): *por que vos havedes, madr', a matar? / Ante que m'eu do falso nom vengar / Madre, se vós vos vengar quiserdes.*

Como mostrado pelas figuras 9 e 10, era muito comum que uma palavra que apresentava mais de uma consoante nasal em coda aparecesse representada nos cancioneiros de mais de uma forma. Alguns vocábulos, como *manten*, apresentam quatro grafias nos códices: *manten*, *māten*, *mâtẽ* e *mantẽ*. É importante ressaltar que tais escritas variam dentro de uma mesma composição. Por exemplo: na CSM 30, no interior do mesmo verso, temos a grafia *manten* no To, *mâtẽ* no T e *mantẽ* no E. Por ser algo extremamente frequente no material analisado, defendemos que esses dados indicam que, muito possivelmente, os copistas viam essas variações como representações possíveis de uma mesma palavra.

Portanto, em contexto de coda, a nasalização em PA podia ser representada graficamente por <m>, <n> e <~>. Ademais, nesse ambiente (coda interna ou coda em final de palavra), havia neutralização da oposição fonológica entre esses elementos. As rimas dos poemas arcaicos eram construídas tendo em vista tal neutralização, porque os copistas rimavam palavras grafadas com <m>, <n> e <~> em contexto de coda.

A existência da marca de til nas palavras do português trovadoresco é uma questão muito complexa, pois essa marca, naquela época, apresentava várias funções<sup>11</sup>, dentre elas abreviação. Massini-Cagliari (2015) expõe que é possível interpretar a marca de til nos textos medievais de dois modos: há a hipótese radical, que assume que toda ocorrência de til, no PA, representa uma abreviatura; e há a hipótese menos radical, a qual nos filiamos, que considera que nem todos os casos de til simbolizam uma abreviação. De acordo com a estudiosa, nas palavras em que ocorre a alocação de til sobre vogal, pode-se considerar a existência de uma marca de nasalização. Mesmo considerando a hipótese radical (a de que, na época arcaica, o til era apenas uma abreviatura), há que se considerar que, posteriormente, tais casos evoluíram para uma vogal foneticamente nasalizada. Portanto, é possível que a opção maciça por representar a nasalização em posição de coda por til já demonstrasse que havia, pelo menos, um espriamento da nasalização da nasal em coda para a vogal que lhe é suporte no núcleo.

As ocorrências mapeadas neste trabalho, ao retratarem que os copistas rimavam palavras escritas com <m>, <n> e <~> em coda, reforçam a interpretação de Massini-Cagliari (2015) em relação ao til sobre vogais. Para a pesquisadora, em um modelo derivacional, é possível assumir, acerca dos casos de alocação do til sobre vogais, a nasalização como um traço flutuante que, de acordo com o contexto, pode se realizar como ataque (quando essa posição não estiver ocupada) ou como nasalização da vogal (pelo espriamento do traço nasal sobre a vogal). A autora pontua, em seus estudos, que a melhor realização para a nasal seria na posição de ataque da sílaba e não como traço nasal da vogal. Nos casos encontrados por nós, a posição de ataque não estava vazia, isto é, ao não poder figurar no ataque da sílaba seguinte, o segmento nasal permaneceu em coda, contexto já preenchido por tal elemento antes da supressão da consoante e do acréscimo de <~>. Portanto, em nenhum dos casos mapeados, a consoante nasal mudou de posição dentro da sílaba, mantendo-se em contexto de coda interna ou externa.

---

<sup>11</sup> Acerca das funções do til nos textos medievais, consultar Massini-Cagliari (1998).



Além dos dados da variação 2 localizados na coda, foram mapeados cinco casos em que a consoante nasal suprimida, representada na escrita por til, estava em contexto de ataque. Esses dados estão contidos no quadro 3, em destaque, mas, visando facilitar a visualização, os repetimos em seguida, no exemplo (2):

(2)

Enadendo – Êadendo (T/E)  
 Minerva – Mîerva (E)  
 Comunal – Comûal (T)  
 Demoníados – Demõiyados (E)  
 Dona – Doã (CV)

Como expresseo em (2), embora a variação 2 apareça massivamente em coda, essa não é a única posição em que ela pode aparecer nos códices arcaicos. A alternância entre uma nasal *n* em ambiente de ataque e um til sobre a vogal das imediações representa um forte argumento à hipótese que defendemos até aqui: os copistas daquele estágio da história, muito provavelmente, entendiam que a alocação do til sobre vogais retratava (pelo menos) um espraiamento da nasalização da nasal em coda para a vogal do entorno. Para ilustrar as ocorrências em (2), apresentamos os exemplos a seguir, retirados da CSM 20.

**Figura 11** – *Enadendo* (CSM 20 no To)<sup>12</sup>



**Fonte:** Edição fac-similada do códice Toledo (2003, p. 30r)

**Figura 12** – *Êadendo* (CSM 20 no T)



**Fonte:** Microfilme do códice Escorial Rico, cedido pela Biblioteca do Mosteiro de El Escorial. O microfilme em questão pertence ao arquivo do grupo de pesquisa “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro”

Todos os dados listados em (2) envolvem a nasal *n* em ambiente de ataque e não há um padrão entre os dados mapeados nas obras: em *êadendo*, *n* figurava na segunda sílaba da palavra, após uma sílaba composta somente pela vogal *e*; já no vocábulo *Mîerva*, *n* se localizava na segunda sílaba, após uma sílaba CV terminada pela vogal *i*; em *comûal*,

<sup>12</sup> *Enadendo*, segundo Mettmann (1972, p. 116-117), vem do verbo *enader*, que significa *acrescentar*.



*n* preenchia a terceira sílaba da palavra, depois de uma sílaba CV terminada por *u*; na palavra *demôydados*, *n* estava na terceira sílaba, depois de uma sílaba CV terminada pela vogal *o*; e, por fim, no vocábulo *doã*, *n* se situava na última sílaba, após uma sílaba CV terminada por *o*. Ademais, na palavra *doã*, o til está, no cancioneiro profano, sobre a vogal seguinte, não sobre a vogal anterior, como nos outros casos. Nos documentos daquele período, a marca de til não era registrada exatamente sobre uma letra, logo, o copista pode ter representado o til de *doã* sobre a vogal *a* não intencionalmente ou prolongando o diacrítico sobre ambas as vogais. É possível, também, que o copista tenha colocado o til sobre a vogal *a* de forma intencional, a fim de representar a nasalidade presente anteriormente nas imediações da vogal.

Como se vê, as ocorrências em (2) revelam que a variação 2 não está relacionada com a vogal precedente à nasal, porque o fenômeno ocorreu com quatro vogais diferentes. Não se trata também de um fenômeno relacionado à sílaba em que a nasal se encontrava antes de desaparecer para dar lugar ao til, pois há dados de sílabas CV (*enadendo*) e casos de sílabas CVC (*Minerva*). Assim, com base nos argumentos apresentados até aqui, defendemos que tais dados reforçam o que defendemos neste trabalho: a troca da uma consoante nasal por um til sobre a vogal, nos documentos remanescentes, representa que a nasalização naquela época era entendida como um traço flutuante. Ademais, os copistas, ao registrarem os poemas medievais, consideravam a inserção do til sobre vogais como uma das formas de representar na escrita a nasalização.

Portanto, como buscamos demonstrar ao longo desta pesquisa, na fase arcaica da língua, a nasalização em coda de sílaba (interna ou em fim de palavra) era representada por meio de *m*, *n* e til, ambiente em que a oposição fonológica entre esses elementos nasais era neutralizada. Já em posição de ataque silábico (no início de palavra ou no meio), os elementos *m* e *n* se opunham fonologicamente e *n* podia aparecer retratada graficamente por meio de um til sobre a vogal das imediações. Não foram encontrados dados de troca entre *m* e til em ataque, fato que pode indicar que os copistas elegeram apenas uma das nasais possíveis no ataque (*m* ou *n*), que apresentavam valores fonológicos diferentes, para evitar confusões.

## Considerações finais

A análise dos dados de variação gráfica encontrados no *corpus* revelou que os resultados alcançados se mostraram importantes para o estabelecimento do comportamento fonológico dos elementos nasais do português dos trovadores. A metodologia escolhida se embasou na verificação das variações gráficas, reincidentes nos códices medievais, e na análise do elemento nasal no interior da sílaba e da palavra.

Por meio da análise das palavras grafadas com nasais coletadas nas 250 cantigas que compõem nosso *corpus*, foi possível concluir que, no contexto de coda de sílaba, a oposição fonológica entre as nasais <*m*>, <*n*> e til se neutraliza, fato comprovado

por meio dos dois tipos de variação gráfica mapeados e pela análise das rimas dos poemas. Já no contexto de ataque, *m* e *n* se opõem fonologicamente e *n* podia aparecer simbolizado, nos fac-símiles, por meio de um til sobre a vogal das imediações.

Não encontramos, nas cantigas religiosas e profanas analisadas, nenhuma ocorrência em que a variação entre *m* e *n*, e vice-versa, retratasse uma mudança no significado da palavra, fato que contribuiu para a nossa interpretação, como demonstramos neste artigo. Além disso, formas escritas com *m*, *n* e til em coda de sílaba rimam entre si nas composições poéticas analisadas, o que reforça a nossa interpretação de que os copistas da Idade Média, muito possivelmente, viam essas formas como representações possíveis para o elemento nasal.

Este artigo tem por finalidade divulgar as relevantes descobertas observadas nos poemas arcaicos e o grande potencial dessas poesias como base para a realização de trabalhos acerca da fonologia da língua da fase arcaica. Por fim, cabe pontuar que essas reflexões só foram possíveis a partir da consideração da sílaba como um constituinte hierarquicamente estruturado.

## Agradecimentos

Agradecemos à FAPESP (Processo: 2022/09590-4) e ao CNPq (Processo: 304657/2023-9) por viabilizarem a realização desta pesquisa.

BARRETO, Débora Aparecida dos Reis Justo; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. The phonological status of nasal consonants in archaic portuguese. *Alfa*, São Paulo, v. 69, 2025.

- **ABSTRACT:** *This paper aims to study phonological phenomena from the archaic period of Portuguese, specifically analysing nasal consonants in 250 medieval Galician-Portuguese cantigas. The methodology is based on the observation of the possibility (or not) of variation in the graphic representation of these elements in that historical period. This study also focuses on the position occupied by these consonants inside the syllable and the word, in order to verify: 1) the status of nasal consonants in syllabic onset and coda; 2) vowel/diphthongs nasalization. Phonological analysis is based on non-linear phonological models. The collected data show that the alternance between the graphic representation of nasals in coda as <m>, <n> or tilde do not correspond to a modification in word meaning. This means that, in phonological level, there is neutralization of the opposition verified in onset position between the sounds represented by <m>, <n> or tilde in coda.*
- **KEYWORDS:** *Nasal consonants; Phonological status; Archaic Portuguese; Medieval Galician-Portuguese cantigas.*

## REFERÊNCIAS

AFONSO X O SABIO. **Cantigas de Santa María**: edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003.

BIAGIONI, A. B. **A sílaba em português arcaico**. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2002.

BUENO, F. da S. **Antologia Arcaica**: trechos, em prosa e verso, coligidos em obras do século VIII ao século XVI. São Paulo: Indústria Gráfica Saraiva, 1968.

CAMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985 [1970].

**CANCIONEIRO Português da Biblioteca Vaticana (Cód. 4803)**: Reprodução fac-similada com introdução de L. F. Lindley Cintra. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, Instituto de Alta Cultura, 1973.

**CANCIONEIRO da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)**: Cód. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.

**CANCIONEIRO da Ajuda**: Edição fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1994.

CASTRO, I. **Curso de história da língua portuguesa**. 1. ed. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

FIDALGO, E. **As Cantigas de Santa María**. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2002.

HUBER, J. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986. [1933]

LANCIANI, G. Cantiga de amigo. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (org.). **Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1993. p. 135-136.

LEÃO, Â. V. **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio**. Aspectos culturais literários. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

LOPES, G. V.; FERREIRA, M. P. *et al.* (2011-). **Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MASSINI-CAGLIARI, G. Escrita do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*: fonética ou ortográfica? **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 159-178, 1998.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses**. Fontes, edições e estrutura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. **A música da fala dos trovadores**: desvendando a prosódia medieval. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2015.

MATTOS E SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

METTMANN, W. Glossário. *In*: AFONSO X, O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria**. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV: Glossário.

METTMANN, W. (org.). **Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)**: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986.

MONGELLI, L. M. **Fremosos cantares**: antologia da lírica medieval galego-portuguesa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MORI, A. C. Fonologia. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 147-179.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PARKINSON, S. **As Cantigas de Santa Maria**: estado das cuestións textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, 1998, p. 179-205.

SELKIRK, E. The Syllable. *In*: HULST, H.; SMITH, N. (org.). **The structure of phonological representations** (part. II). Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

Recebido em 18 de abril de 2024.

Aprovado em 22 de outubro de 2024.

## APÊNDICE

**Quadro 1** – Variação entre <m> e <n> nas CSM.<sup>13</sup>

<b>Palavra em Mettmann (1986)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Aconpannada	Acompannada	Escorial Rico
Ambos	Anbos	Escorial Rico/Toledo
Ampara	Anpara	Toledo
Anparando	Amparando	Escorial Rico
Assembrados	Assenbrados	Toledo
Cambiar/Cambiava	Canbiar/Canbiava	Toledo
Campãa	Canpãa	Toledo
Comba	Conba	Toledo
Combater	Conbater	Toledo
Combatudo	Conbatudo	Toledo
Combooça	Conbooça	Toledo
Companna	Conpanna	Escorial Rico
Comprido	Conprido	Escorial Rico/Toledo
Compri-lo	Conprilo	Toledo
Comprir	Conpr	Escorial Rico
Compõer	Conpõer	Toledo
Canbiar	Cambiar	Escorial Rico
Canbiou	Cambiou	Escorial Rico
Con	Com	Escorial Músicos
Conbooças	Combooças	Escorial Rico
Conpanna	Companna	Escorial Rico
Conpania	Compania	Escorial Rico
Conprada	Comprada	Escorial Rico
Conpramos	Compramos	Escorial Rico
Comprian	Comprian	Escorial Rico
Desanparada	Desamparada	Escorial Rico
Dizian	Diziam	Escorial Músicos
Dominum	Dominun	Toledo
Dun	Dum	Escorial Músicos

<sup>13</sup> Em decorrência da quantidade de dados encontrados nos manuscritos, foram retiradas todas as repetições.

<b>Palavra em Mettmann (1986)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Emperador	Enperador	Toledo
Emperadriz	Enpadriz	Escorial Rico
Enperadriz	Emperadriz	Escorial Rico
Eran	Eram	Escorial Músicos
Façañ	Façam	Escorial Músicos
Lomba	Lonba	Toledo
Nenbra	Nembra	Escorial Rico
Niun	Nium	Escorial Músicos
Onbros	Ombros	Escorial Rico
Podian	Podiam	Escorial Músicos
Quen	Quem	Escorial Músicos
Que <del>n</del> as	Que <del>m</del> as	Escorial Músicos
Renenbramento	Renembramento	Escorial Rico
Sempre	Senpre	Escorial Rico/Escorial Músicos/ Toledo
Senbrança	Sembrança	Escorial Rico
Senpre	Sempre	Escorial Rico/Escorial Músicos
Servian	Serviam	Escorial Músicos
Seyan	Seyam	Escorial Músicos
Tempestades	Tenpestades	Escorial Rico/Toledo
Tempo	Tenpo	Escorial Rico/Toledo
Tenpo	Tempo	Escorial Rico
Tonbar	Tombar	Escorial Rico

**Fonte:** Elaboração própria

## **Quadro 2** – Variação entre <m> e <n> nas cantigas profanas.

<b>Lopes e Ferreira et al. (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Acham	Achan	CBN
Algodom	Algodon	CV
Alguém	Alguen	CA/CBN
Algum	Algun	CA/CBN
Almazém	Almazen	CV
Ambia	Anbia	CBN/CV

<b>Lopes e Ferreira et al. (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Ambos	Anbos	CBN/CV
Ampararei	Anpararey	CBN
Arçom	Arçon	CBN/CV
Argem	Argen	CBN/CV
Artom	Açon	CBN/CV
Apartarom	Apartaron	CV
Avém	Aven	CA
Avoim	Avoyn	CV
Atambor	Atanbor	CBN
Atambores	Atanbores	CBN
Bem	Ben	CA/CBN/CV
Bom	Bon	CA/CBN/CV
Busquem	Busquen	CBN/CV
Cambiei	Canbey	CBN/CV
Capelam	Capelan	CBN/CV
Capom	Capon	CBN/CV
Carriom	Carrion	CV
Carvom	Carvon	CBN/CV
Citolom	Citolon	CV
Cochom	Cochon	CV
Coidam	Coidan	CA
Coita'm	Coitan	CA
Com	Con	CA/CBN/CV
Comerom	Comeron	CV
Comeriam	Comerian	CV
Companhom	Conpanhon	CV
Comprastes	Conprastes	CBN/CV
Compria	Conpria	CV
Convém	Conven	CA
Coraçom	Coraçon	CA/CBN/CV
Dam	Dan	CA/CBN/CV
Daquéim	Daquen	CA
Dem	Den	CBN/CV
Derom	Deron	CBN/CV

<b>Lopes e Ferreira et al. (2011-)</b>	<b>Varição</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Desamparado	Desenpado	CBN
Desdém	Desden	CBN/CV
Desejam	Desejan	CA
Desemparado	Desenparado	CA/CBN/CV
Desemparar	Desenparar	CA/CBN
Detém	De ten	CA
Detém	Deten	CV
Digam	Digan	CV
Disserom	Disseron	CBN/CV
Dizem	Dizen	CA/CBN/CV
Dom	Don	CA/CBN/CV
Dormem	Dormen	CA/CBN/CV
Em	En	CA/CBN/CV
Embaratado	Enbaratado	CA/CBN
Emparar	Enparar	CBN/CV
Emperador	Enperador	CV
Empregar	Enpgar	CBN/CV
Emprenhasse	Enpnhasse	CV
En	Em	CBN/CV
Entençom	En tençon	CBN/CV
Entom	Enton	CA/CBN/CV
Escantaçom	Escantaçon	CBN
Fam	Fan	CBN/CV
Farám	Faran	CA/CV
Farazom	Farazon	CBN/CV
Fazem	Fazen	CA/CBN/CV
Fernam	Ffernán	CBN
Fezerem	Fezeren	CBN
Fossem	Fossen	CBN/CV
Gastom	Gaston	CV
Gram	Gran	CA/CBN/CV
Ham	Han/An	CA/CV
Homem	Omen	CA
Infançom	Infançon	CBN



<b>Lopes e Ferreira et al. (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Joam	Johan	CBN/CV
Lidarom	Lidaron	CBN
Mandarom	Mandaron	CBN/CV
Meem	Meen	CBN/CV
Mim	Min	CA/CBN/CV
Monçom	Monçon	CBN/CV
Nem	Nen	CA/CBN/CV
Nembrar	Nenbrar	CA/CBN/CV
Nembre	Nenbre	CA
Nom	Non	CA/CBN/CV
Oraçom	Oraçon	CBN/CV
Peom	Peon	CBN/CV
Pendom	Pendon	CV
Perdom	Perdon	CA/CBN/CV
Perdem	Perden	CA
Perderom	Perderon	CV
Podem	Poden	CA
Por en	Porem	CBN
Pram	Pran	CA
Preguntarám	Pguntaran	CA
Prisom	Prison	CBN/CV
Quam	Quan	CA/CBN/CV
Quem	Quen	CA/CBN/CV
Querem	Queren	CA/CBN/CV
Querriam	Querrian	CBN/CV
Razom	Razon	CA/CBN/CV
Rem	Ren	CA/CBN/CV
Sabem	Saben	CV
Sabia'm	Sabian	CV
Sam	San	CBN/CV
Sandeu	Samdeu	CBN/CV
Sarmom	Sarmon	CBN/CV
Sazom	Sazon	CA/CBN/CV
Sem	Sen	CA/CBN/CV

<b>Lopes e Ferreira et al. (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Sempre	Senpre	CA/CBN/CV
Senom	Senon	CA/CBN/CV
Serám	Seran	CA
Sisom	Sison	CBN
Som	Son	CA/CBN/CV
Tam	Tan	CA/CBN/CV
Tem	Ten	CA/CBN/CV
Temperar	Tenperar	CBN/CV
Temperou	Tenpou	CBN/CV
Tempo	Tenpo	CA/CBN/CV
Tençom	Tençon	CV
Terram	Terran	CA
Tragem	Tragen	CBN/CV
Trombas	Tronbas	CBN/CV
Trompeiros	Tronpeyros	CBN
Um	Um/Hun	CA/CBN/CV
Vejam	Veján	CA
Vem	Ven	CA/CBN/CV
Veerám	Veeran	CA
Vim	Vin	CA/CBN/CV
Virem	Viren	CA
Zarelhom	Zarelhon	CBN/CV

**Fonte:** Elaboração própria

### **Quadro 3 – Variação 2 nas cantigas religiosas e profanas<sup>14</sup>**

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira et al. (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Abran	Abrã	E
Abranger	Abräger	E
Acham/Achavan/Acharon/Acharen	Achã/Achavã/Acharõ/Acharẽ	To/T/E/CBN/CV
Acomendedes/Acomendo/Acomendados	Acomêdedes/A comêdo/Acomêdados	To/E

<sup>14</sup> Em razão da quantidade de dados mapeados, retiramos as repetições e unimos os casos encontrados nas poesias religiosas e profanas.

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Acordança	Acordãça	To/T
Acorrimentos	Acorrimêtos	T/E
Adaman	Adamã	T
Afan/Affan	Afã/Affã	To/T/E
Afondar	Afôdar	E
Aguillon	Aguillô	To/E
Ajan	Ajã	To
Alçaron	Alçarô	E
Algodom	Algodô	CBN
Alguém/Alguen	Alguê	To/T/E/CBN/CV
Algum/Algun	Algũ	To/E/CA/CBN/CV
Alifonso	Alifôso	To
Almançor	Almãçor	To/E
Alongar/Alongou	Alôgar/Alôgou	To/T/E
Amba-las/Ambos	Ãbalas/Ãbos	To
Amen	Amê	T
Amparança	Amparãça	T
Amparar/Anparar/Anparados/Anparando	Ãparar/Âparados/Anparãdo	T/E/CBN
Andar/Andarei/Andou/Andades/Andasse/ Andado/Andando/Andaram/Andavan	Ãdar/Ãdarei/Ãdou/Ãdades/Ãdasse/Ãdado/ Andãdo/Ãdãdo/Andarã/Andavã/Andãvã	To/T/E/CA/CBN/CV
Anfaz	Ãfaz	T
Angeo/Angeos	Ãgeo/Ãgeos	To
Ante	Ãte	To/T/E/CBN
Antollança	Antollãça	To/E
Antollos	Ãtollos	E
Aparelhan	Aparelhã	CBN/CV
Apoinham	Apoynhã	CBN/CV
Apousentar	Apousêtar	To
Aprendi	Aprêdi	To/E
Aragom/Aragon	Aragô	To/CBN/CV
Arçom	Arçô	CBN/CV
Arento	Arêto	E
Argen	Argê	E

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Varição</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Armenteira	Armêteira	To
Arreptiu	Arrepêtiu	To/T
Arriban	Arribã	T
Asconder	Ascôder	To/T/ECV
Asperança/Desasperança/ Esperança	Asperãça/Desasperãça/ Esperãça	To/E
Assanhem	Assanhê	CV
Assavan	Assavã	E
Atam/Atan	Atã/A tã	To/T/E/CBN
Atambor/Atambores	Atâbor/Atâbores	CV
Atanto	Atâto	To/E/CBN/CV
Ataron	Atarô	E
Atender/Atende/Atendia/ Atendede/ Atendemos/ Atenden/Atendendo	Atêder/Atêde/Atêdia/ Atêdede/Atêdemos/ Atêden/ Atêdêdo	To/T/E/CBN/CV
Atrevemento	Atrevemêto	E
Auçom	Aucô	CBN/CV
Avam	Avã	CBN/CV
Avantalla/Avanto	Avâtalla/Avâto	To/E
Avém	Avê	CBN/CV
Avian	Aviã	To/T/E
Avondança/Avondamento	Avondãça/Avôdança/ Avondamêto/Avôdamento	To/T/E
Balança	Balãça	T
Bardom	Bardô	CBN/CV
Baron	Barô	To/T
Bastimentos	Bastimêtos	To/E
Baston	Bastô	To/T/E
Bem/ben	Bê	To/T/E/CA/CBN/CV
Berengenha	Berêgenha	CBN/CV
Bevam/Beviam	Bevã/Beviã	CBN/CV
Bevend'	Bevêd	To
Bocin	Bocĩ	To
Bom/Bon	Bô	To/T/E/CBN/CV
Bondade/Bondades	Bôdade/Bôdades	To/E
Branco/Branços/Brancura	Brâco/Brâcos/Brâcura	To/T/E/CBN/CV

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Brandind'	Brădîd	To
Branqu'	Brăqu	To/T/E
Brevement'	Brevemêt	To
Bucando	Buscâdo	To
Cabian	Cabiã	To/E
Caentura	Caêtura	CBN
Cam/Can	Cã	To/T/E/CBN
Cambrai/Cambiador/Canbiou	Câbray/Câbiador/Câbiou	To/CBN
Candea/Candeas	Câdea/Câdeas	To/T/E/CBN
Campo	Câpo	CBN/CV
Canpãa	Câpãa	To/E
Cansada	Câssada	To
Cantar/Cantara/Cantava/ Cantada/Cantos/ Cantou/ Cantares/Cantaron/Cantarán/ Cantavam/Cantavan/ Cantando/Cantan	Câtar/Câtara/Câtava/Câtada/ Câtos/Câtou/ Câtares/ Cantarô/Câtarô/Cantarã/ Câtavã/ Cantavã/Câtavan/ Cantâdo/Cantã	To/T/E/CBN/CV
Cantiga	Câtiga	CBN
Capelam/Capelan	Capelã	E/CBN/CV
Capeyron	Capei rô	To/T
Carriom/Carrion	Carriô/Cairhõ	CBN
Carvon	Carvõ	T/E
Çen	Çê	E
Cendal	Cêdal	E
Cento/Çento	Cêto/Çêto	To/T/E
Chamam/Chaman/ Chamavam/Chamavan/ Chamando/Chamaron	Chamã/Chamavã/Chamãdo/ Chamarõ	To/T/E/CBN/CV
Chanto	Chãto	To/T/E
Chegando/Chegaron	Chegãdo/Chegarõ	To/T/E
Cheiravan	Cheiravã	To/T/E
Chorando	Chorãdo	To/T/E/CBN/CV
Chorarám	Chorarã	CBN/CV
Cinco/Cinque	Cîco/Cîque	To/T
Cint'	Cît	CBN
Clemenço	Clemêto	CBN

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Cochom	Cochô	CBN
Cofojon	Cofojô	E
Cofondudo	Cofôdudo	To
Coidando/Cuidando/ Cuidavan/Cuidaron	Coydãdo/Cuidãdo/Cuidavã/ Cuidarô	To/T/E/CBN
Com/Con	Cô	To/T/E/CA/CBN/CV
Comendador/Comenda/ Comendado/ Comendou/ Comendo/Comenda	Comêdador/Comêda/ Comêdado/Comêdou/ Comêdo/Comêda	To/T/E/CV
Començaron/Começaron	Começarô	To/E
Confortada	Côfortada/Côffortada	To
Comian	Comyã	E
Companhom	Côpanhon	CBN
Conpania	Côpania/Opânia/Côpânia	To/T
Companha/Conpann'	Côpanha/Côpann	To/TCV
Completas	Côpretas	To
Compôer	Côpôer	To
Comprar/Comprei/Compr' o/ Comprados/ Compramos/ Comprou/Conprada/Conpra	Côprar/Côprei/Côpro/ Côprados/Côpramos/ Côprou/Côprada/Côpra	To/E/CBN/CV
Conpridamente	Conpdamête	T
Comprimento	Côprimto	To
Comprir/Conprir/Comprido/ Comprisse/ Comprida/ Conprida/Conpria/Conprian/ Conpriron/Conprindo	Côprir/Côprido/Côprisse/ Côprida/Côprian/ Côpriã/ Conprirô/Conprîdo/Côprindo	To/T/E
Comunal	Comũal	T
Conbatian/Combatian/ Conbater	Côbatiã/Conbatiã/Côbater	To
Conboocas	Côboocas	To/E
Conca	Côca	CBN/CV
Conceber/Concebiste	Côceber/Côcebiste	To/E
Concelho/Conselho/ Conselhado/ Conselhar/ Conselho/Conselho/ Consello/ Conçello/ Conssellou/Conssellada/ Conçelas	Côcelho/Côselho/Côsselho/ Côselhado/ Cössellar/ Cösselho/Cössell/Cössello/ Côcello/ Cössellou/ Cössellada/Côçelas	To/T/E/CA/CBN/CV

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Conde	Côde	To/E
Confiando	Côfiado	To
Confessor/Confisson	Côfessor/Côfisson/ɔfissô/ Côfissô	To/T/E
Congeyto	Côgeyto	To/E
Conjur/Conjurar	Côjur/Côjurar	To/E
Connigo	Cômigo	CBN/CV
Conpostela	Côpostela	T/E
Conqueiro	Côqueiro	T
Conquerer/Querian/Queren	Côquerer/Queriã/Querê	To/E/CV
Consagrando	Consagrado	To
Consentir	Côsêntir/Côsêtir/Côssentiũ	To/T/E/CA
Consigo/Conssigo	Côssigo	To/T
Conta/Contar/Contarei/ Contado/Contada/ Contou/ Contei/Contando/Contaron	Côda/Côtar/Côtarei/Côtado/ Côtada/Côtou/Côtei/ Côtado/Côtãdo/Contarô/ Côtaron	To/T/E/CBN/CV
Contangem	Côtangê	CBN/CV
Conteceu/Conteçeu	Côteçeu/Côteceu	To
Contenda/Contende/ Contender	Côtêda/Côtêde/Côtender	To/T
Contenente	Contenête/Côtenête	To/T/E
Contigo	Côtigo	E
Contra	Côtra	To/T/E/CA/CBN
Contreitos	Côtreitos	E
Convém/Conven	Côvê/Gvê/Côven/Convê	To/T/E/CBN/CV
Convento	Convêto/Côvento/Côvêto	To/T/E
Converteu	Côver teu	To
Converria	Côverria	E
Convidei	Côvidey	CBN
Convosco	Côvosco/Cô vosco	To/CBN/CV
Coração/Coraçon	Coraçô	To/T/E/CA/CBN/CV
Cordovan	Cordovã	To/E
Correndo	Corrêdo	To/T/E
Corriam-nos	Corriãnos	CBN/CV
Constantinoble	Costâtinoble	To

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Cousimentos	Cousimêtos	E
Cozian	Coziã	E
Crerizon	Crerizô	To/T/E
Creveron	Creverô	To
Crian	Criã	To
Crucifigavan	Crucifigavã	E
Dalend'e	Dalêde	T
Dam/Dan	Dã	E/CBN
Dand'	Dãd	To
Daquém	Daquê	CBN
Daren	Darê	To/E
Davam/Davan	Davã	To/T/E/CBN
Dayan	Dayã	E
Decende/Decender	Decêde/Decêder	To/T/E
Defender/Deffender/ Defendendo/Defende/ Defendeu/Defendudas/ Defendia/Defenda/ Deffende	Defêder/Defendêdo/Defêde/ Defêdeu/Defêdudas/ Defêdia/ Defêda/Deffêde	To/T/E
Deitavam/Deitaron	Deitavã/Deitarô	To/T/CBN/CV
Dem	Dê	CBN
Demandado	Demãdado	CV
Demandar/Demandas/ Demandei/ Demandaredes/ Demandades/Demande/ Demandava	Demãdar/Demãdas/ Demãdey/Demãdaredes/ Demãdades/Demãde/ Demãdava	To/T/E/CBN/CV
Demoniados	Demôyados	E
Demorança	Demorãça	To/T/E
Demostrança	Demostrãça	To/E
Denteira	Dêteira	To
Dentes	Dêtes	To/T/E
Dentro	Dêtro	To/T/E
Dêostavan	Dêostavã	E
Departiment'	Departimêt	To/E
Derranjaron	Derrãjaron	To
Derom/Deron	Derô	To/E/CBN/CV



<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Desamparado/Desamparar/Desanpara	Desâpado/Desâparar/Desâpara	To/CA
Desavém	Desavê	CBN
Descomungou/Escomungado/Comungar/ Escomungou/Comungada/Comungue/Comungó/Comungou/Comuyon	Descomûgou/Scomûgado/Comûgar/Escomûgou/Comûgada/Comûgue/Comûgo/Comûgou/ Comûyô/Comuyô	To/T/E
Desdém/Desden	Desdê	To/E/CBN/CV
Despende/Despendudo/Despender/ Despenda	Despêde/Despêdudo/Despêder/Despêda	To/T/E
Detém	Detê	CBN
Deven	Devê	To/E
Devoçon	Devoçô	To/T/E
Digam/Disserom/Disseron	Digã/Diserô/Disserô	To/T/E/CBN/CV
Dizem/Dizen/Dizendo/Diziam/Dizian/Dirán	Dizê/Dizêdo/Diziã/Dirã	To/T/E/CBN/CV
Doaçom	Doacô	CBN
Doente	Doête	To
Dom/Don	Dô	To/T/E/CBN/CV
<b>Dona</b>	<b>Doã</b>	CV
Donzela/Donzelas/Donzel	Dôçela/Dôzelas/Dôzel	To/T/E
Dormian/Dormindo	Dormiã/Dormîdo	To/E
Dultança	Dultãça	To/T/E
Dun	Dû	To/T/E
Duzentas/Duzentos	Duzêtas/Duzêtos	To/E
Em/En	Ê	To/T/E/CA/CBN/CV
Embiigo	Ê biigo	CBN
Emenda/Emende	Emêda/Emêde	To/E
Emente/Ementades/Ementando	Emête/Emêtades/Emêtando/Êmêtando	To/T/E
Emperador	Êperador	CBN
<b>Enadendo</b>	<b>Êadendo</b>	T/E
Encantador	Encâtador	To/T/E
Encender/Encendudo	Encêder/Encêdudo	To/T/E
Enchara/M'enchal	Êchara/Mêchal	To/T/E
Encolleran	Êcollerã	E

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Varição</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Encomendado/ Encomendedes/Encomendar	Êcomêdado/ Êcomendado/ Encomêdedes/Encomêdar	To/CBN
Encreus	Êcreus	T/E
Ende	Êde	To/T/E/CA/CBN/CV
Enfadado	Êffadado	CBN
Enfermidade	Êfermidade	To
Esfurtando	Esfurtado	T
Enganada/Enganador/ Enganar	Êganada/Êganador/Êganr	E/CBN/CV
Enmanguados	Êmanguados	CBN/CV
Enmendo	Enmêdo	CV
Enmentar	Enmêtar/Êmentar	To/T/E
Enmentavam	Enmêtavã	CBN/CV
Enpeençer	Êpeençer	To
Enquanto	Enqâto/Êquant/Enquâto	To/T/E/CA/CBN/CV
Ensandeceu	Ensâdeceu	T/E
Ensserrar	Êsserrar	E
Enssinamento	Enssinamêto	T
Entanto	Entâto	CBN
Entençar	Êtenzar	CV
Entençom	Entêçô/Entêçon	CBN/CV
Entendem	Êtendem	CBN
Entender/Entende/Entendeu/ Entendia/ Entendo/ Entendede/Entendedes/ Entendudo/ Entendiste/ Entendedor/Entendendo	Entêder/Entêde/Êtêde/Êtend/ Entêdeu/Entêdia/ Entêdo/ Entêdede/Êtêdedes/Entêdudo/ Entêdis te/ Entêdedor/ Entêdendo	To/T/E/CA/CBN/CV
Entendiment' em/ Entendimento	Entêdimêtê/Etendimêten/ Entendimêto	To/CBN/CV
Entom/Enton/Entonçe	Entô/Êtô/Êton	To/T/E/CA/CBN/CV
Entra/Entrada/Entrara/Entrar/ Entrou/ Entraron	Êtra/Êtrada/Êtrara/Êtrar/ Êtrou/Entrarô/Êtraron	To/T/E/CBN
Entravan	Entravã	E
Envejas	Êvejas	To/T/E
Envergonnada	Êvergonnada	To
Eran	Erã	To/E
Errança	Errâça	To/T

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Erraran	Errarã	E
Escanta/Escantaçon	Escãta/Escãtaçõ/Escantaçõ	To/T/E/CBN
Escarmento/Escarmentarám	Escarmêto/Escarmêtaran/Escarmentarã	To/T/E/CBN/CV
Espadarrom	Espadarrõ	CBN/CV
Espanto/Espantar/Espantosa/Espantado/ Espantados/Espantedes/Espantosos	Espãto/Espãtar/Espãtosa/Espãtado/Espãtados/Espãtedes/Espãtosos	To/T/E
Estando/Estan	Estãdo/Estã	To/T/E
Estavan/Estevan/Estêvam	Estavã/Estevã/Stevã	To/T/E/CBN/CV
Estendido	Estêdudo	To/T
Estrebeirando	Estrebeirãdo	CV
Evangelisteiro	Evãglisteiro	E
Faiçon	Faiçõ	To
Falarám	Falarã	CBN/CV
Falimento	Falimêto	E
Falssament'	Falssamêť	To/T/E
Farcilhom	Farcilhõ	CBN/CV
Fazem/Fazen/Fazian/Façan/Faram	Fazê/Faziã/Façã/Farã	To/E/CBN/CV
Fazenda/Fazendo/Afazendada	Fazêda/Fazêdo/Afazêdada	To/T/E/CBN/CV
Felon	Felõ	To/E
Femença	Femêça	E
Fende/Fendudas	Fêde/Fêdudas	To/E
Feramente	Fera mête	To/T/E
Fernam	Ffernã	CV
Fernand'	Ffnãd	CBN/CV
Fezerem/Fezerom/Fezeron/Fezessen/ Fezeran/Desfezeron	Fezerê/Fezerô/Fezessê/Fezerã/Desfezeron	To/T/E/CBN/CV
Fiança	Fiãça	To
Fillaron	Fillarõ	To
Fin	Fĩ	To
Foam	Foã	CBN
Folgaren	Folgarê	To/E

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Fondas/Fond'/Fondamentos	Fôdas/Fôd/Fondamêtos/ Fôdamtos	To/T/E
Fonte	Fôte	To/E
Foram/Foran/Foron/Forom/ Forem	Forã/Forõ/Forẽ	To/T/E/CA/CV
Fossen	Fossê	To/T/E
Fran	Frã	To/E
França	Frãça	To
Francamente	Francamête/Frâcamente	To/T/E
Frangisti	Frâgisti	To/E
Franqu'	Frâqu	To
Fremosament'	Fremosamênt	CBN
Froiam	Froiã	CBN/CV
Fronte	Frôte	To
Gabança	Gabãça	To
Gafeen	Gafeê	E
Garçon	Garçô	T
Garganta	Gargâta	To
Garvança	Garvãça	To/T/E
Gemendo	Gemêdo	T/E
Gente/Gentes	Gête/Gêtes	To/T/E/CBN/CV
German	Germã	To
Governavan	Governavã	To/T/E
Gram/Gran	Grã	To/T/E/CA/CBN/CV
Grande/Grandes	Grãde/Grãdes	To/T/E/CBN/CV
Gualardon/Galardon	Gualardô/Galardô	To/E
Guardavan/Guardando	Guardavã/Guardãdo	To/E
Guareçessen	Greçessê	E
Ham/An	Ã	To/T/E/CBN/CV
Hermitan	Hmitã	E
Homem	Homê	CBN
Iguança	Iguãça	T
Infançom/Infançon	Infãçô/Infançô/Ifançô/Ifãçon	To/T/E/CV
Iram	Irã	CBN/CV
Jaiam	Jaiã	CBN/CV

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Jantar/Jante/Jantaren	Jātar/Jāte/Jantarē/Jātarē	To/E/CV
Jazendo	Jazêdo	To/E
Jherusalén	Jherusalē	E
Joam	Joã/Johã	CBN/CV
Jogavan/Jogaren	Jogavã/Jogarē	To/T/E
Julguem/Julgando	Julguē/Julgādo	To/CBN/CV
Juntados/Juntar/Juntou/ Juntada/Juntassen/ Juntam-s’	Jūtados/Jūtar/Jūtou/Jūtada/ Jūtassē/Jūtas	To/E/CV
Ladron	Ladrō	To/T/E
Lança/Lançar/Lançada/ Lançadas	Lāça/Lāçar/Lāçada/Lāçadas	To/T/E/CBN
Latin	Latī	To
Leixaron	Leixarō	E
Leon	Leō	To/T
Levam/Levavan/Levaron/ Levarân	Levã/Levavã/Levarō/Levarã	To/T/E/CBN/CV
Levantei/Levantou/ Levantava/Levantar/ Levantarás	Levātey/Levātou/Levātava/ Levātar/Levātaras	To/T/E/CA
Lidarom/Lidando	Lidarō/Lidādo	To/CV
Lijon	Lijō	T/E
Lingua	Līgua	To
Loavan	Loavã	To/E
Longe/Perlongada/Delongada	Lōge/Plōgada/Delōgada	To/T/E
Longos	Lōgos	CV
Lorigom	Lorigō	CBN/CV
Maenfestada/Maenfestio	Maēfestada/Māesto	T
Maison	Maisō	CBN
Malandança	Malandāça	To/T
Malestança	Malestāça	To
Man	Mā	T/E
Manaman	Manamã	E
Manceba/Mancebas/ Mancebos	Māceba/Māçebas/Mācebos	To/CBN
Mandado/Mandados	Mādado/Mādados	To/T/E/CBN/CV
Mandamentos/Mandamento	Mādamētos/Mādamento	To/E

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Varição</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Mandasse/Manda/Mandou/ Mandade/ Mandastes/Mando/ Mandó/Mandar/ Mandava/ Mandara/Mandarõ	Mãdasse/Mãda/Mãdou/ Mãdade/Mãdastes/Mãdo/ Mãdar/Mãdava/Mãdara/ Mãdarõ/Mandarõ	To/T/E/CA/CBN/CV
Manga	Mãga	E
M'anpar	Mãpar	To/T/E
Mans'/Manss'	Mãs/Mäss	To/E
Manten/Mantêr/Mantêendo	Mâten/Mâtê/Mantê/Mâtêr/ Mâteendo	To/T/E
Mantenente	Mâtenête/Mantenête	To/T/E
M'ant'eu	Mâteu/Mãdeu	CBN/CV
Manto	Mâto	To
Martin	Martĩ	To
Matarom/Mataron/Mataren	Matarõ/Matarê	To/T/E/CV
Menç'	Mête	CBN/CV
Medorentos	Medorêtos	To/T/E
M'end'ir/M'end'eu	Mêdir/Mêdeu	CA/CV
Mêngua/Mingua/Menguar/ Menguada/ Menguass'	Mêgua/Mĩgua/Mêguar/ Mêgda/Mêguas	To/E/CBN/CV
Mente/Mentes/Mentir/ Mentira/Mentiss'a/ Mentiria/ Mentiral/Mentirosa	Mête/Mêtes/Mêtir/Mêтира/ Mêtissa/Mêtiria/ Mêtiral/ Mêtirosa	To/T/E/CA/CBN/CV
Ment'haviam	Mêtavỹã	CBN/CV
Mentir	Mêtir	E
Mentr'	Mêtr	To/T/E/CA/CBN/CV
Mentre	Mê tre	CA
M'enviou/Enviou/Enviava/ Enviada/Envian	Mêviou/Êviou/Êviava/ Êviada/Enviã	To/T/E/CA/CBN/CV
Merchandias	Merchãdias	To/T
Merecimentos	Merecimêtos	E
Merende	Merêde	To/T
Meteron/Meteran/Metendo	Meterõ/Meterã/Metêdo	To/T/E
Mezcraron	Mezcrarõ	To/T/E
M'ham	Mã	CBN/CV
Mim/Min	Mĩ	E/CA/CBN/CV
M <u>i</u> nerva	M <u>i</u> erva	E

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Monge/Monge/Monger/ Monja/Monjas/ Monje/ Monjes	Môge/Môges/Môger/Môja/ Môjas/Môje/Môjes	To/T/E
Monpisler	Môpisler	To/E
Monssarrad/Montsarrat	Môssarrad/Môssarrat	To/E
Monte/Montes/Montesas	Môte/Môtes/Môtesas	To/T/E
Morança/Morand'	Morâça/Moråd	To/T
Morressen/Morreron	Morressê/Morrerô	T/E
Mostraron	Mostrarô	E
Moveron/Movian	Moverô/Moviã	E
Mugindo	Mugido	To
Mundo	Mûdo	To/T/E/CA/CBN/CV
Nenllur	Nëllur	To/T/E
Nem/Nen	Nê	To/T/E/CA/CBN/CV
Nembrar/Nenbrar/Nembra/ Nenbra/Nembre/ Nembro/ Nembros/Nenbrou/ Nembrasse/ Nembrardes	Nêbrar/Nêbra/Nêbre/Nêbro/ Nêbros/Nêbrou/ Nêbrasse/ Nêbrardes	To/T/E/CA/CBN/CV
Nen'as/Neno	Nê as/Nêo	T/CBN
Niente	Miête	To/E
Niun	Niû	To/T/E
Ningûa	Nîgûa	E
Nom/Non	Nô	To/T/E/CA/CBN/CV
Num	Nû	CBN
Nunca	Nûca	To/T/E/CA/CBN/CV
Obediente	Obediête	To
Obrando/Obridança	Obrâdo/Obridâça	To/E
Ocajon	Ocajô	To/T
Offerenda/Offereçon/ Offereran/Offrendas	Offerêda/Ofereçô/Offererã/ Ofrêdas	To/E
Oitocentos	Oitocêtos	To/E
Omagen	Omagê	To/T/E
Omildança	Omildâça	To/E
Onde	Ôde	To/CBN
Onguento	Onguêto	To/E

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Onrrada/Desonrra/ Onrradamente/Onrra	Õrrada/Dessõra/ Onrradamête/Õrra	To/T/E
Oraçon	Oraçõ	To/E
Orden/Ordin	Ordê/Ordĩ	To/E
Osmança	Osmãça	To
Oorient'	Ouriêt	To
Ousavan/Ousaron	Ousavã/Ousarõ	To/T/E
Ouveran/Ouveron/Oulessen/ Joulessen/ Houveram	Ouverã/Ouverõ/Oulessẽ/ Joulessẽ	To/T/E/CBN/CV
Outrem	Outrẽ	CBN/CV
Oyron/Oiron	Oyrõ/Oirõ	To/T/E
Pam/Pan	Pã	To/T/E/CBN/CV
Pança	Pãça	To
Paravan	Paravã	To
Parentes	Parêtes	To/T/E
Partiron	Partirõ	E
Passavan	Passavã	To/T/E
Paxon	Paxõ	T/E
Peagem	Peagẽ	CV
Peavan	Peavã	E
Peccando	Pecãdo	To
Pediron	Pedirõ	E
Pêdença	Pêedêça	To/E
Pende	Pêde	CBN
Pendom	Pêdon	CBN
Penssando/Penssamamos/ Penssastes/ Penssamentos/ Pensedes/Pensava	Pêssãdo/Pêssamamos/Pêssastes/ Penssamêtos/ Pêssamt/ Pêsedes/Pêsava	To/T/E
Peom/Peon	Peõ	To/CV
Perderom	Perderõ	CBN
Perdian'a	Perdiãna	CBN/CV
Perdimento	Perdimêto	E
Perdom/Perdon	Pdõ/Perdõ	To/T/E/CBN/CV
Pintada/Pintar/Pintor/Pintava/ Pintando	Pĩtada/Pĩtar/Pĩtor/Pĩtava/ Pĩtando	To/T/E
Pinzel	Pĩzel	To



<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Poderon/Podian/Podessen/ Pode-l-an	Poderô/Podiã/Podessê/Podelã	To/T/E
Ponç'	Põçe	To/E
Ponto	Pôto	To
Por em/Por en//Poren/ Porende	Porê/Porêde	To/T/E/CA/CV
Porrám	Porrã	CBN
Poseron/Poseran	Poserô/Poserã	To
Pousavam/Pousavan	Pousavã	To/T/E/CBN/CV
Pram/Pran	Prã	T/E/CBN/CV
Prazen	Prazê	To
Prazenteares	Pzêteares	CV
Prebenda	Pbêda	E
Preguntar/Preguntei/ Preguntou/Preguntaron/ Preguntando/Preguntarám	Pregûtar/Pgûtei/Pregûtou/ Pregûtarô/Preguntarô/ Preguntãdo/Pregûtando/ Pgûtarã	To/T/E/CA/CBN/CV
Prender/Prendia/Prende/ Prenderias/ Prendades/ Prendian	Prêder/Prêdia/Prêde/ Prêderias/Prêdades/Prêdian	To/T/E
Prijon	Prijô	To
Provaron	Pvarô	To/E
Provezendo	Provezêdo	To
Punnavan	Punnãvã	E
Quando	Quãdo	To/T/E/CA/CBN/CV
Quanto/Quantos/Quantas/ Quanta	Quãto/Quãtos/Quãtas/Quãta	To/T/E/CA/CBN/CV
Quaraenta	Quaraêta	To
Quebranto/Quebranta	Quebrãto/Quebrãta	To/T/E
Quedavan	Quedavã	E
Queimaron/Queimando	Queimarô/Qimãdo	To/E
Quem/Quen	Quê	To/T/E/CA/CBN/CV
Quintãa	Quiãta	T
Quiseran/Quiseron	Quiserã/Quiserô	T/E
Quitassen	Qtasê	E
Rança	Rãça	To/E
Randon	Randô	To

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Razom/Razon/Raçon	Razô/Rrazô/Raçô	To/T/E/CA/CBN/CV
Recende	Recêde	T/E
Recessiundo	Recessiúdo	To
Reimund'	Reimüd	To
Rem/Ren	Rê/Rrê	To/T/E/CA/CBN/CV
Render/Rendesse/Rende/Rendudas	Rêder/Rêdesse/Rêde/Rêdudas	To/T/E
Renenbrança	Renêbrança/Renêbraça/Renenbrança/Renêbrança	To/T
Repentiu/Repentindo/Repentuda/Repentiron	Repêtiu/Repêtido/Repentido/Repêtida/ Repentirô	To/T/E
Resprandecer	Resprâdecet	To/T/E
Responder/Respondia/Responderán/ Responderon	Respôder/Respôdia/Responderã/Respôderô	To/T/E
Revolvendo	Revolvêdo	To/T
Rezôaron	Rezôarô	To
Roam	Roã	CBN/CV
Rogan/Rogaran/Rogaron/Rogando	Rogã/Rogarã/Rogarô/Rogãdo	To/T/E
Ronper	Rôper	E
Roubaran/Roubassen	Roubarã/Roubasê	To/E
Saberám/Sabaran/Sabiam/Sabem/Saben	Ssaberã/Saberã/Sabiã/Sabê	T/E/CBN/CV
Sacam	Sacã	CBN
Sam/San	Sã	To/T/E/CBN/CV
Sairom/Sayron	Sairô	T/CBN/CV
Salvaçon	Salvaçô	E
Salvamento	Salvamête	To/E
Sancristan	Sacristã	T
Sandeu/Sandeus/Sandece/Sandeces/Sandias/ Sandez	Sãdeu/Sãdeus/Sãdece/Sãdeces/Sãdias/Sãdez	To/T/E
Sangui	Sãgue/Sãgui	To
Santa/Santos/Santidade	Sãta/Sãtos/Sãtidade	To/T/E
Sangoent'	Sangoët	To
Sazom/Sazon	Sazô/Ssazô	To/T/E/CA/CBN/CV
Seendo/Seeren	Seêdo/Seerê	To/T

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Segundo	Segũdo	To/T/E
Seixon/Seixons	Seixõ/Seixõs	To/E
Sejan	Sejã	To/E
Selegom	Selegõ	CBN/CV
Sem/Sen	Sẽ/Ssẽ	To/T/E/CBN/CV
Semellança	Semellãça	To
Semelharám	Ssemalharã	CBN
Sempre/Senpre	Sẽpre	To/T/E/CBN
Senbrança	Senbrãça	To/E
Senlleira/Senlleiro	Sẽlleira/Sẽlleiro	T/E
Senom/Senon/Se non	Senõ	To/T/E/CA/CBN/CV
Ssenor	Sẽnor	To/E
Sentença	Sentẽça	T/E
Sentiron/Sentiu/Sentian/Sente/Sentia	Sentirõ/Sẽtiu/Sentiã/Sẽtiã/Sẽte/Sẽtia	To/T/E
Sergente/Sergentes	Sergẽte/Sergẽtes	To/E
Sermon	Sermõ	To/T/E
Servand'	Servãd	CBN
Servente	Servẽte	To
Servian	Serviã	E
Siian	Siiã	To/E
Simiom	Sunhõ	CBN
Singravan/Singraron	Singravã/Singrarõ/Sigrõn	To/T/E
Sofrian/Sofrendo/Soffreron	Sofriã/Sofrẽdo/Sofrerõ	To/E
Soíam/Soyan	Soyã	To/CBN/CV
Solament'	Solamẽt	To
Soldan	Soldã	To/T/E
Som/Son/Soon	Sõ/Soõ	To/T/E/CA/CBN/CV
Soterrassen	Soterrassẽ	To
Souberem/Soubessen/Souberon	Souberẽ/Soubessẽ/Souberõ	To/T/E/CA
Syon	Siõ	To
Talan	Talã	To/T/E
Talente	Talẽte	T
Tam/Tan	Tã	To/T/E/CA/CBN/CV

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Também	Tam bẽ/Tã bẽ	CBN/CV
Tanger/Tangeu	Tãger/Tãgeu	To/T/E
Tanto/Tantos/Tantas	Tãto/Tãtos/Tãtas	To/T/E/CA/CBN/CV
Tardança	Tardãça	T
Tem/Tem/Têm	Tẽ/Teẽ	To/T/E/CBN/CV
Tempo/Tenpo/Tempestades	Tẽpo/Tẽpestades	To/T/E/CA/CBN
Tençom	Tençõ/Tẽçom/Tẽçõ	CBN/CV
Tenham	Tenhã	CBN/CV
Tentaçon/Tentações	Tentaçõ/Tẽptações	To/E
Tentada/Tentando	Tẽtada/Tẽdando	To
Tentanda/Tendudo/Tendudas/Tendeu	Tẽtada/Tẽdudo/Tẽdudas/Tẽdeu	To/T/E
Terram	Terrã	CBN
Terrám	Derrã	CBN/CV
Testamento	Testamẽto	To/T
Teveron/Deteveron	Teverõ/Deteverõ	To/E
Tinham-nos	Tinhãnos	CBN/CV
Tintor	Tĩtor	T
Tomaran	Tomarã	T/E
Tomba	Tõba	To
Tormenta/Atormentada	Tormẽta/Atormẽtada	To/E
Tornarom/Tornaron/Tornado	Tornarõ/Tornãdo	To/T/CBN/CV
Tosquiavam	Toqiavã	CBN
Tragiam/Tragian	Tragiã	To/T/E/CBN/CV
Trayçon	Trayçõ/Tiçõ	To/E
Tremendo	Tremẽdo	To/E/CV
Trezentos	Trezẽtos	E
Trinta	Trĩta	To
Trompeiros	Trõpeyros	CV
Trouxeron/Trouxeran	Trouxerõ/Trouxerã	To/T/E
Um/Un	Hũ/Û/Huũ/Ûu/Uũ	T/E/CBN/CV
Valem	Valẽ	CBN/CV
Vam/Van	Vã	To/T/E/CBN/CV

<b>Mettmann (1986) e Lopes e Ferreira <i>et al.</i> (2011-)</b>	<b>Variação</b>	<b>Códices em que a variação foi encontrada</b>
Veerám/Veerom/Vëeron/ Vëessen/Vëëran/ Veend’/ Veen/Viian	Veerã/Veherô/Vëerô/Vëessê/ Vëerã/Veêd/Veê/ Viiã	To/T/E/CBN/CV
Vem/Ven	Vê	To/T/E/CBN/CV
Vence/Vencedor/Vencer/ Vençer/Venceu/ Vencisti/ Vençudos/Vencia	Vêce/Vêcedor/Vêcer/Vêceu/ Vêcisti/Vêçudos/ Vêcia	To/T/E/CBN/CV
Vender/Venda/Vendudas/ Vendera/Revende/ Vendian	Vêder/Vêda/Vêdudas/ Vêdera/Revêde/Vêdian	To/T/E/CBN
Vento/Ventos	Vêto/Vêtos	To/T/E
Ventura/Desaventurado/ Benaventurada/ Aventuradas/ Aventuram	Vêtura/Desavêturado/ Bêavêtada/Bêavê turada/ Avêturadas/Avêtâm	To/E/CBN/CV
Verdadeiramente	Vê dadeyramête	CBN/CV
Vermen	Vmê	To/T/E
Verram/Viran/Viron	Verrã/Virã/Virô	To/T/E/CBN/CV
Vijon/Vyjon	Vijô/Vyjô	To/T/E
Viltança	Viltâça	To/E
Vim	Vĩ	CBN/CV
Vingar/Vingada/Vengar/ Vingador/Vingado	Vîgar/Vîgada/Vêgar/Vîgador/ Vêgador/Vîgado	To/T/E/CA/CBN
Vingança/Vengança	Vêgãça/Vîgãça/Vêgança/ Vengãça	To/T/E
Virem	Virê	CBN
Virgen	Virgê/Vgê	To/T/E
Vison/Vision	Visô/Visiô	To/T/E
Vivend’/Vivessen	Vivêd/Vivessê	To/E
Voontade/Voontades	Voôtade/Voôtades	To/T/E
Vuitorom	Vuytorô	CV
Xermentos	Xermêtos	To/E
Yan	Yã	To/E

**Fonte:** Elaboração própria